Enap Escola Nacional de Administração Pública

Introdução à Libras

Módulo 1 Introdução à surdez e à Libras

Brasília - 2016.

Fundação Escola Nacional de Administração Pública

Presidente
Francisco Gaetani

Diretor de Desenvolvimento Gerencial
Paulo Marques

Coordenadora-Geral de Educação a Distância
Natália Teles da Mota Teixeira

Conteudista
Débora Rodrigues Moura

Diagramação realizada no âmbito do acordo de Cooperação TécnicaFUB/CDT/Laboratório Latitude e Enap.

© Enap, 2016

Enap Escola Nacional de Administração Pública
Diretoria de Comunicação e Pesquisa
SAIS - Área 2-A - 70610-900 — Brasília, DF
Telefone: (61) 2020 3096 - Fax: (61) 2020 3178

SUMÁRIO

1 Surdez e sociedade 5
1.1 Causas da surdez 5
1.2 Descoberta da surdez 6
1.3 Graus de perda auditiva 7
1.4 Graus de perda auditiva 8
1.5 Aparelho de amplificação sonora individual 9
1.6 A surdez pela perspectiva ouvintista 9
1.7 A surdez pela perspectiva socioantropológica 11
1.8 A lei da libras e o decreto que a regulamenta 13
1.9 Identidade e cultura surda 14

2 Como promover a comunicação com surdos 16
2.1 Como promover a comunicação com surdos - Cont. 18
2.2 Como promover a comunicação com surdos - Cont. 20

3 Prática de libras 22
3.1 Libras: primeiro contato 23
3.2 Libras: diálogos e sinais importantes para uma primeira comunicação 23
3.3 Alfabeto manual e pronomes pessoais 24

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Módulo 1 Introdução à surdez e à Libras

1 Surdez e sociedade

Seja bem-vindo(a) ao curso de Introdução à Língua Brasileira de Sinais - Libras! Neste primeiro módulo, serão apresentados conceitos básicos sobre a surdez e a Libras. Você conhecerá as principais causas da surdez, a descoberta, os graus de perda auditiva e o aparelho de amplificação sonora individual. Além disso, você conhecerá um pouco mais sobre lutas e conquistas da Comunidade Surda, como ocorre a comunicação com surdos e como podem ser construídas a Identidade e a Cultura Surdas. Este módulo também permitirá um primeiro contato com a Libras, oportunidade em que será possível aprender como os surdos determinam um sinal que equivale ao nome de uma pessoa em Libras, além do alfabeto manual, que é utilizado para soletrar nomes próprios.

Bem-Vindo(a)![1]

Fonte: Autoria própria

1.1 Causas da surdez

Você conhece as causas da surdez? Sabia que a surdez ou perda auditiva pode ocorrer no período pré-natal, ou seja, durante a gestação e também durante ou após o nascimento?

No período pré-natal, não é possível identificar a surdez por meio de exames. Essa detecção se dá somente após o nascimento da criança. A perda auditiva pode ocorrer por fatores hereditários, que podem manifestar-se, ou não, ou seja, numa mesma família podem ocorrer nascimentos de filhos surdos ou ouvintes, a surdez pode se manifestar, ou não, ao longo de gerações, entre outras possibilidades. Além disso, a surdez pode ser causada por doenças que

1. O movimento completo da figura está disponível no ambiente virtual do curso.

Enap

acometem a mãe durante a gravidez, como, por exemplo, rubéola, meningite, toxoplasmose, citomegalovírus, sarampo, sífilis e herpes. Há também a prematuridade ou nascimento tardio do bebê. Ainda se observam outros fatores de risco, tais como a exposição da gestante ao uso de entorpecentes, drogas ototóxicas, alcoolismo, radiação, etc.

No período peri-natal, ou seja, durante o nascimento, fatores como as infecções hospitalares, a falta de oxigênio no cérebro, o parto prematuro ou tardio, entre outros, podem provocar perda auditiva. A utilização de medicamentos ototóxicos, infecções, algumas doenças como a meningite, o sarampo e a caxumba infantil, exposição excessiva a ruídos, traumas diversos e outras situações adversas podem ocasionar a perda de audição em qualquer idade.

1.2 Descoberta da surdez

O diagnóstico da surdez pode ocorrer já nos primeiros dias de vida da criança, por meio do teste da orelhinha. Esse exame pode apontar suspeitas, que devem ser confirmadas, ou não, por volta de até quatro meses de idade, mediante a realização de outros testes e exames.

SAIBA MAIS

O teste da orelhinha ou de Triagem Auditiva Neonatal (Exame de Emissões Otoacústicas Evocadas, em linguagem mais técnica) deve ser realizado no segundo ou terceiro dia de vida do bebê. Ele demora de 5 a 10 minutos, é indolor e não tem qualquer contraindicação ao bebê. Para a realização desse exame, é colocado um fone na orelha do bebê, ligado a um computador que emite sons de fraca intensidade e recolhe respostas internas do aparelho auditivo.
É importante saber que, por determinação de lei federal (Lei nº 12.303/2010), o teste da orelhinha deve ser realizado em todos os hospitais do Brasil.

Em muitos casos, a surdez só é diagnosticada quando a criança tem por volta de um ou dois anos de idade. É recorrente, nesse período, a família iniciar uma corrida a fim de compreender, aceitar e procurar alternativas educacionais e de saúde adequadas.

As crianças surdas, em sua maioria, chegam à escola por volta dos cinco ou seis anos de idade, isto é, com atraso significativo em relação à aquisição de uma língua. O ideal é que a criança surda vá para a escola o mais cedo possível, considerando-se que a falta de acesso a uma língua a impede de se comunicar, de viver e perceber o mundo plenamente, como demonstram os estudos na área. O Projeto "Toda Força ao 1º Ano: contemplando as especificidades dos alunos surdos" ressalta que:

> *Por não terem acesso à linguagem oral, usada pelas famílias, e pelo fato de as famílias não usarem a Língua de Sinais, as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, são privadas das conversas, assim como muitas vezes de atividades prazerosas, como contação de histórias, recitação de versinhos e parlendas, entoação de canções. A não participação em tais atividades prejudica a constituição de conhecimento de mundo e de língua, disponível comumente às crianças ouvintes antes da escolarização. Por outro lado, pesquisas mostram que, expostas à Língua de Sinais, as crianças surdas podem usufruir de todas estas atividades. (TODA FORÇA AO ALUNO SURDO, 2006, p. 8).*

Esses aspectos merecem atenção, pois detectar a surdez precocemente só trará de fato efeitos benéficos para a criança surda se ela não vier a sofrer ausência de língua. Caso contrário, haverá o risco de ela se tornar atrasada em seu desenvolvimento global.

DICA

O documentário "Sou surda e não Sabia" tem como protagonista a surda Sandrine, resgatando, por meio de sua história, aspectos importantes sobre a concepção de surdez, a oralização de crianças surdas, a Língua de Sinais, a descoberta da surdez e a educação do surdo. O vídeo é uma excelente oportunidade para se conhecer um pouco mais o tema e refletir sobre como a Comunidade Surda percebe a surdez. Clique neste link para visualizar o documentário: https://www.youtube.com/watch?v=PymXMyz3nSk.

1.3 Graus de perda auditiva

No Projeto "Toda Força ao 1º Ano: contemplando as especificidades dos alunos surdos", podemos encontrar uma classificação, baseada na literatura produzida por Shlomo Silman e Carol A. Silverman, que apresenta os graus de perda auditiva, medidos em decibéis (dB). Esses graus são classificados como:

Normal	até 25 dB
Leve	de 26 a 40 dB
Moderado	de 41 a 55 dB
Moderadamente severo	de 56 a 70 dB
Severa	de 71 a 90 dB
Profundo	maior que 91 dB

Para Refletir

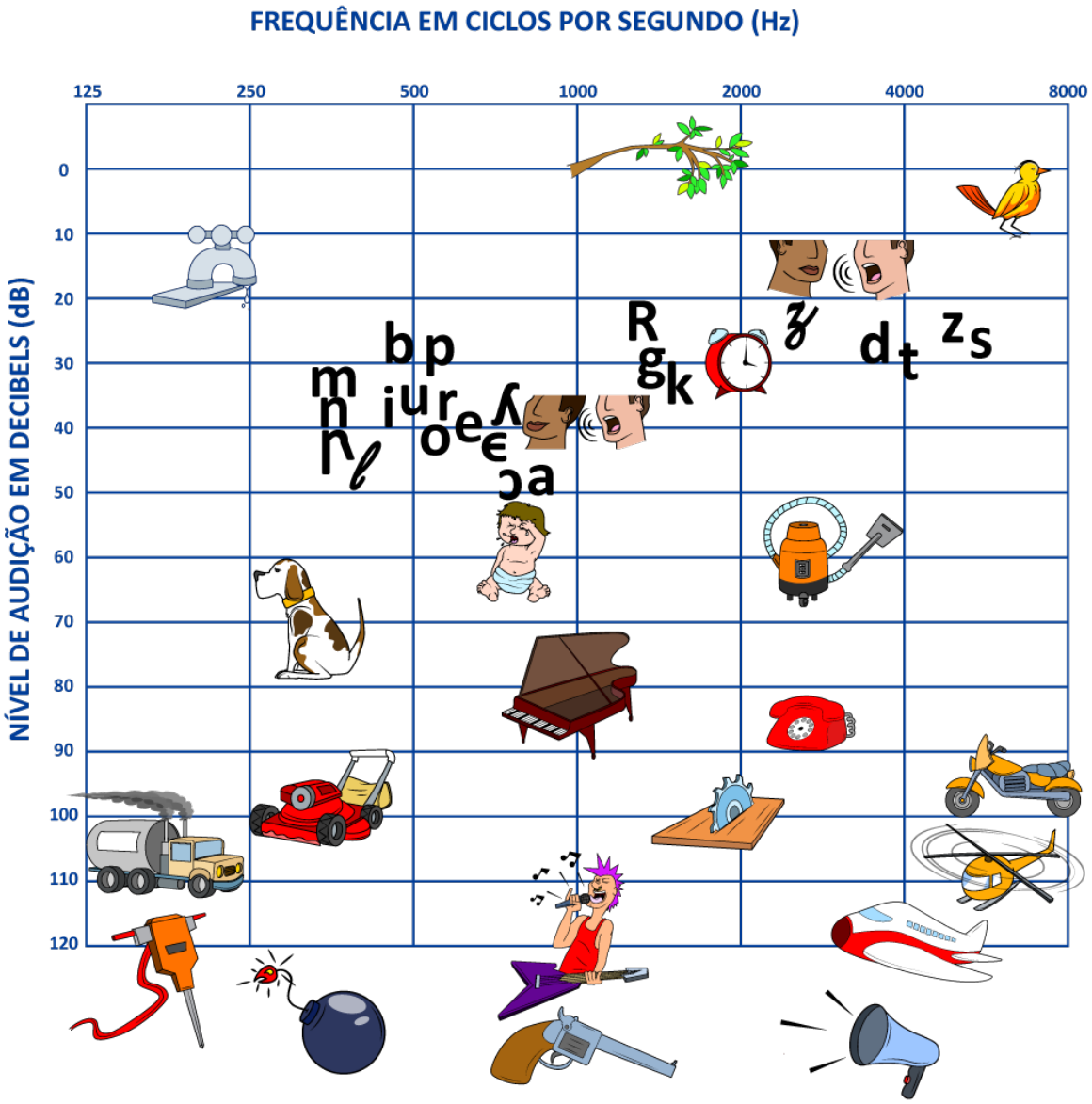
Apesar de muitas pessoas compreenderem que existem graus diferentes de perda auditiva, no senso comum ainda é recorrente a ideia de que uma pessoa com uma perda profunda não é capaz de ouvir nada, já pessoas com perda leve, moderada ou severa ouvem um pouco mais "baixo" do que as pessoas ouvintes. Nesse contexto, as pessoas surdas teriam uma perda profunda, já as deficientes auditivas teriam perdas leves, moderadas ou severas.

Enap

1.4 Graus de perda auditiva

Na figura 1 temos um exemplo de audiometria construído com ilustrações, para que as explicações fiquem mais claras:

Figura 1 - Exemplo de audiometria Ilustrada - Exame que contém frequências medidas em ciclos por segundo (Hz) e exemplos do que cada grau de perda auditiva consegue perceber, medido em decibéis



Fonte: Autoria Própria

No caso de uma perda auditiva leve, é possível observar, pela tabela, os sons que a pessoa pode ou não ouvir. Ao localizar, por exemplo, 40 dB na linha horizontal é possível compreender que a pessoa com esse tipo de perda pode não escutar os sons dos fonemas marcados entre 26 e 40 dB.

O mesmo deve ser feito para analisar pessoas com perda moderada, ou seja, na linha horizontal, de 55 dB para cima da tabela, a pessoa com esse tipo de perda pode não escutar os sons marcados nessa faixa. Dessa forma, sua perda abrange um grau maior do que a perda leve. Isso não significa que o indivíduo com esse grau de perda não escute nenhum som abaixo de 60 dB, pois sua perda auditiva pode variar em relação à frequência medida em Hz.

Compreender essa complexidade inerente às perdas auditivas é importante para perceber que diferentes pessoas com perdas auditivas leves podem escutar, ou não, sons diferentes. Contudo, o que merece muita atenção é o fato de que tanto a perda leve quanto moderada podem trazer prejuízos para a compreensão da fala, visto que ambas concentram-se na faixa de percepção desse tipo de som. Já uma pessoa com perda severa pode não ouvir de 80 dB para cima da tabela, entretanto é capaz de perceber os sons desse limite da tabela para baixo, etc. A análise da audiometria ilustrada nos permite perceber que um mesmo grau de perda auditiva traz inúmeras variações em relação à percepção dos sons por pessoas diferentes.

1.5 Aparelho de amplificação sonora individual

Para muitos, o Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) auxiliaria o surdo a ouvir melhor, entretanto isso dependerá do grau e do tipo de perda auditiva, além da época da vida em que ela tenha ocorrido. Isso significa que a pessoa com perda auditiva pré-linguística, ou seja, anterior à aquisição de uma língua oral, pode ter um aproveitamento diferente daquele apresentado pela pessoa surda pós-linguística, isto é, que já teve a experiência auditiva significativa, no que diz respeito à construção de pensamento mediada por uma língua oral-auditiva.

De acordo com estudiosos da área, os aparelhos auditivos servirão apenas para as pessoas com surdez profunda perceberem ruídos e não para distinguirem os sons da língua de maneira fluida. Veja o que diz Audrei Gesser, uma renomada pesquisadora da surdez e da Libras, com base na literatura de Heloísa Boechat, Lígia Tega e Maria Cecília Lima, sobre a complexidade que envolve o uso do AASI:

> *As próteses ou aparelhos auditivos, conforme argumentam os fonoaudiólogos, ajudariam as crianças com surdez severa ou profunda a "estimular a audição residual" e, assim fazendo, "perceber os componentes acústicos da fala". Veja que se está falando em "percepções e estímulos". A escuta auditiva e o discernimento dos sons vocálicos ou consonantais da língua portuguesa são identificados somente pelos indivíduos que têm surdez moderada ou leve e, mesmo assim, dentro de um modelo gradativo de reabilitação auditiva que vai desde a detecção, discriminação e reconhecimento dos sons até a compreensão da linguagem. E esta última vai muito além da utilização das habilidades puramente acústicas, uma vez que a compreensão da linguagem é complexa e envolve uma multiplicidade de fatores: ela pressupõe relações entre mensagem e contexto, domínio de conceitos e a vivência social, o próprio conhecimento da linguagem da criança, a sua memória sequencial e os conhecimentos gramaticais [...] (Gesser, 2009, p. 75-76).*

1.6 A surdez pela perspectiva ouvintista

Observa-se, de forma habitual, que o nascimento de uma criança surda é cercado por uma série de sensações, muitas vezes, confusas e negativas. De acordo com Oliver Sacks, escritor do livro Vendo Vozes, sendo 95% dos surdos filhos de pais ouvintes, esse acontecimento é visto por muitos como uma tragédia, pois o filho idealizado torna-se distante. Infelizmente ainda "é muito comum o sentimento de culpa dos pais, de negação, indiferença, superproteção,

Enap

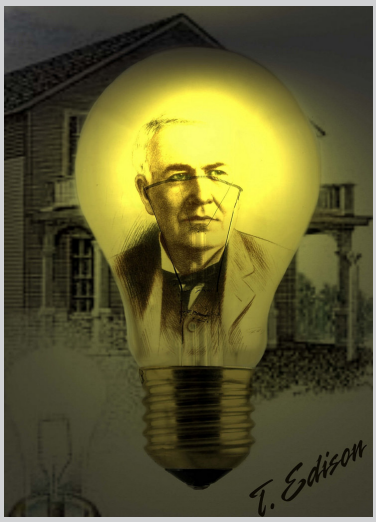
vergonha, ódio de si mesmos e da criança, ressentimento, medo, impotência, etc.", como defende Rita Furtado em publicação de 2008.

Isso parece ocorrer em grande parte do imaginário social, pois a surdez é compreendida como uma restrição ou limitação. Essa representação, construída social e historicamente, tem fortes bases no conceito de normalidade, pois "a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias", segundo Erving Goffman. Nessa perspectiva, o discurso sobre o que é ser normal ganha força num contexto que classifica o que a norma considera ideal ou adequado.

No caso dos surdos, a perda auditiva os coloca em uma situação de desvantagem diante dos ouvintes, pois "a norma é uma espécie de régua que tem o objetivo de 'medir' os sujeitos a fim de definir aqueles que farão parte dela e os que serão excluídos, dando origem aos sujeitos anormais", nas palavras de Rita Furtado em publicação de 2011. Assim, percebe-se a surdez como uma doença, que requer tratamento terapêutico. Recorre-se a uma abordagem corretiva, a fim de minimizar o possível "defeito" da pessoa surda, de modo que ela possa aproximar-se do que é considerado comum. Nesse caso específico, a normalização ocorreria por meio da fala e da leitura labial.

SAIBA MAIS

Há muitas personalidades famosas que são surdas. Porém, de acordo com Karin Strobel, isso não é devidamente divulgado pelo medo do desprestígio que a surdez pode trazer ao imaginário ouvinte. A discussão da autora sobre essa questão foi publicada no Capítulo I do livro Estudos Surdos II, tratando desse tema com alguns exemplos de personalidades Surdas, como:



Fonte: Flickr

Thomas Edison

Inventor da Luz Elétrica

Teve surdez pós-linguística, por volta dos treze anos de idade.

Gastão de Orléans

O conde D'eu (segundo marido da Princesa Isabel)

Sua surdez foi confirmada em biografia da Princesa Isabel, de autoria de Robert Daibert Junior, apesar de não haver informações precisas em outros registros.

.

Fonte: Wikimedia

Lou Ferrigno

Ator que representou o Incrível Hulk

Surdo devido a uma infecção de ouvido, com cerca de três anos de idade.

Fonte: Wikimedia (com alterações)

1.7 A surdez pela perspectiva socioantropológica

Pesquisas sobre o desenvolvimento de surdos filhos de pais surdos foram alterando muito a visão do surdo como um sujeito limitado ou incapaz. Elas romperam com a ideia de déficit linguístico e cognitivo e, cada vez mais, vêm demonstrando que, quando exposta a uma língua visual, a criança surda tem possibilidades de se desenvolver de maneira análoga à criança ouvinte.

Em seus escritos, Oliver Sacks descreve de maneira eloquente sua incursão pelo mundo dos surdos. Nesses relatos o autor desvencilha-se da concepção médica sobre a surdez e passa a percebê-la para muito além dos aspectos biológicos. Nesse percurso conhece a Língua de Sinais e a descreve não só como adequada às condições visuais da pessoa surda, mas como a língua que possibilita a construção de relações de pensamento puramente visuais, talvez nunca imaginadas pelas pessoas ouvintes. Diante disso, observa-se a produção de uma cultura visual compartilhada por toda uma população. O autor disserta sobre a inteligência visual dos surdos, e, desse modo, adentra uma visão que se afasta cada vez mais da concepção ouvintista. Observa-se uma inversão de percepção, que traz em seu bojo a reconstrução da alteridade do surdo, reconhecido assim como um sujeito completo.

Quando se conhece a Comunidade Surda e sua Língua de Sinais, o encantamento parece ser recorrente. Enquanto os surdos eram comparados a ouvintes que tinham um problema, pouco se possibilitava para o desenvolvimento global deles, ao passo que, quando se permitiu que o surdo pudesse existir sendo surdo, suas possibilidades de existência e de inclusão se abriram de maneira contundente.

Enap

Entretanto, essa realidade só começa a se fazer presente na contemporaneidade. Segundo Sherman Wilcox, as Línguas de Sinais chegam à esfera mundial, reconhecidas como idiomas, somente em meados da década de 1960, com as publicações do linguista Wiliam C. Stokoe. Dessa forma, pode-se analisar o quanto é recente o estudo sobre as Línguas de Sinais no contexto mundial e refletir o quanto esses idiomas foram desvalorizados por séculos. Somente nas últimas décadas, as Línguas de Sinais começaram a ser discutidas, permitidas e um pouco mais aceitas pelas sociedades ouvintes, que são majoritárias. Contudo, seu reconhecimento como línguas autênticas pela área da Linguística não significou a compreensão imediata de seu papel na vida das pessoas surdas, nem mesmo a valorização de seu status de idioma.

SAIBA MAIS

Ampliando Conhecimentos (Os movimentos completos das figuras estão disponíveis no ambiente virtual do curso.)

Cada país possui uma Língua de Sinais própria. Isso significa que tanto os sinais utilizados quanto o Alfabeto Manual diferem-se de uma Língua de Sinais para outra, conforme pode ser observado nas ilustrações abaixo, que se referem ao sinal de **"mãe".**

Lingua Italiana

Lingua Americana

Lingua Francesa

Lingua Espanhola

Lingua Brasileira

Fonte: Autoria própria

Ainda de acordo com Sherman Wilcox, somente após vinte anos do reconhecimento da Língua de Sinais Americana (ASL, sigla em inglês), ocorrido na década de 1960, deu-se início a um processo de ampla difusão nas universidades, colégios, televisão, teatro, atos políticos, etc. Isso fez com que houvesse um aumento promissor na procura por cursos para seu aprendizado. Acredita-se que são essas práticas que favorecem o acesso e a participação efetiva de surdos na sociedade ouvinte. Talvez esse seja o nosso momento atual. Um movimento que começa a instaurar-se na sociedade brasileira para a inclusão das pessoas surdas. Por meio do amparo da legislação vigente, a Libras começa a ser difundida e os surdos passam a compreendê-la como um direito.

1.8 A lei da libras e o decreto que a regulamenta

É possível verificar que as lutas por uma participação mais efetiva das Comunidades Surdas na sociedade majoritária (co)existem, não só no Brasil, mas em âmbito mundial. Especificamente em nosso país, a promulgação da Lei da Libras e do Decreto que a regulamenta vem trazendo mudanças sociais em relação à possibilidade de inclusão dos surdos, por meio do respeito a sua língua. Essa árdua tarefa é necessária não só para garantir ao surdo o direito de comunicar-se no país em que vive, mas também para outro desenvolvimento, no que se refere à concepção de surdez. Ao conhecer-se sobre a Libras e as pessoas surdas, há uma tendência ao afastamento da compreensão da surdez como falta, ausência, incapacidade ou doença. Isso é cada vez mais (re)afirmado em pesquisas que se dedicam a essa questão de maneira mais específica. Esse pensamento é sintetizado por Carlos Skliar, no livro "A Surdez: Um Olhar sobre as Diferenças", da seguinte forma:

> *[...] O que está mudando são as concepções sobre o sujeito surdo, as descrições em torno da sua língua, as definições sobre as políticas educacionais, a análise das relações de saberes e poderes entre adultos surdos e adultos ouvintes, etc. (SKLIAR, 2012, p.7).*

A Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, por meio da lei nº 10.436/2002. A referida lei legitima a Libras como idioma advindo das Comunidades Surdas Brasileiras. Isso pode ser constatado no Parágrafo Único do Artigo 1º, no qual se lê:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Enap

O Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a lei supracitada, aponta para uma série de providências que devem ser adotadas nas mais diferentes instâncias, principalmente no que tange à acessibilidade da pessoa surda. Dentre elas, pode-se destacar o Capítulo VIII do Documento, mais precisamente o § 1º do Artigo 26:

DO PAPEL DO PODER PÚBLICO E DAS EMPRESAS QUE DETÊM CONCESSÃO OU PERMISSÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS, NO APOIO AO USO E DIFUSÃO DA LIBRAS.

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o Decreto n.º 5.296, de 2004.

§ 1º As instituições de que trata o caput devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras.

Sendo a Língua de Sinais a única que pode ser adquirida naturalmente por surdos, visto que se configura como uma língua de modalidade visual, seu uso e difusão nas mais diferentes esferas, entre elas a educacional, a jurídica, a religiosa e a da saúde, possibilitam a "padronização" dos códigos de expressão desse idioma, de forma a elevar a interação da pessoa surda com um universo superior ao seu núcleo familiar e/ou imediato, pois a língua oral pode ser aprendida por surdos, mas não de maneira espontânea.

1.9 Identidade e cultura surda

A identidade surda é um tema muito estudado por vários pesquisadores. A autora Gladis Perlin descreve vários tipos de identidade que podem desenvolver-se dependendo da experiência social e cultural vivenciada pelos surdos. São elas: identidade flutuante, inconformada, de transição, híbrida e identidade surda.

Na identidade flutuante o surdo assume o papel de deficiente e comporta-se de modo a tentar superar sua perda auditiva, enquanto na identidade inconformada o surdo sente-se inferior ao ouvinte. Observa-se que, em ambas, impera uma concepção clínico-patológica sobre a surdez, e o ouvintismo engendra essa percepção sobre si mesmo e seu espaço no mundo.

Já na identidade de transição, o surdo tem contato com a Comunidade Surda, mas esse contato é tardio. Dessa forma, não se encontra plenamente em nenhum dos mundos.

A identidade híbrida é aquela em que o surdo perdeu audição ao longo da vida e aprendeu a Língua de Sinais como uma segunda língua. Dessa forma, conserva seu pensamento pautado na língua oral, mas reconstrói suas relações sociais amparadas na língua visual.

A identidade surda se constitui por meio do desenvolvimento das experiências em Língua de Sinais. Nesse contexto os surdos se assumem como surdos, ou seja, como sujeitos visuais

e culturais, sendo vistos como capazes, diferentes, mas não inferiores aos ouvintes. Essa formação de identidade ocorre de modo frequente entre os espaços em que a criança surda tem contato com adultos surdos. Ela espelha-se nos adultos como um modelo possível de alcance. Ao se questionar se surdos com esse tipo de identidade são deficientes auditivos, obtém-se resposta negativa. Eles intitulam-se apenas como surdos, ou seja, pessoas às quais não falta nada.

A identidade surda é construída tendo como base uma concepção socioantropológica da surdez. Dessa forma, para o surdo, é normal ser surdo, e esse sujeito não necessita de conserto, mas de possibilidades que permitam que ele se desenvolva com aquilo que tem de preservado. Débora Rodrigues Moura defende esse pensamento, afirmando que:

> *Dessa forma, reconhecer a identidade Surda positiva é permitir ao Surdo existir como sujeito participativo, enxergar possibilidades além da audição, compreender uma forma de se estruturar na e pela diferença, conhecer um ser humano essencialmente visual que assimila e produz cultura. (RODRIGUES-MOURA, 2015, p.62).*

Nessa perspectiva a Cultura Surda se consolida. Ela não se resume, por exemplo, a um tipo de comida diferente ou a um tipo de crença específica, mas à forma de viver e de experimentar o mundo por uma perspectiva que não se utiliza da audição. Ao dissertar sobre essa questão, Heloísa Salles e outras autoras defendem que:

> *Quebrar o paradigma da deficiência é enxergar as restrições de ambos: surdos e ouvintes. Por exemplo, enquanto um surdo não conversa no escuro, o ouvinte não conversa debaixo d'água; em local barulhento, o ouvinte não consegue se comunicar, a menos que grite e, nesse caso, o surdo se comunica sem problemas. Além disso, o ouvinte não consegue comer e falar ao mesmo tempo, educadamente, e sem engasgar, enquanto o surdo não sofre essa restrição. (SALLES et al., 2004, p. 38)*

Karin Ströbel disserta sobre oito artefatos culturais que caracterizam a Cultura Surda, são eles: a experiência visual, o linguístico, o familiar, a literatura surda, a vida social e esportiva, as artes visuais, o político e os materiais.

Em relação à experiência visual e linguística, o próprio idioma visuo espacial traz consigo particularidades em relação a formas de pensamento enredadas por uma percepção de mundo visual.

Em relação ao familiar e à vida social e esportiva, nos espaços em que há surdos presentes, todas essas dinâmicas se modificam. Recursos visuais e formas peculiares de relacionar-se, de construir regras, de polidez, etc. modificam-se e se (re)constituem numa relação dialógica diferente da ocupada só por ouvintes.

Enap

A literatura surda e as artes visuais se fortalecem cada vez mais por meio da exploração do papel do surdo como agente de transformação social e cultural, sem que o som seja um pré-requisito indispensável para participação efetiva no mundo.

O artefato político abarca a própria luta da Comunidade Surda por uma participação efetiva enquanto minoria, frente às desigualdades enfrentadas. E os materiais referem-se às tecnologias que fazem parte da vida das pessoas surdas, que vêm favorecer não somente a comunicação, mas também a interação com o mundo por meio de sinais luminosos e sinestésicos, em detrimento dos sonoros.

2 Como promover a comunicação com surdos

A surdez traz consigo modos e formas de relacionar-se pautadas numa comunicação visual. Isso requer conhecê-las, bem como compreender as necessidades e tecnologias advindas de quem se comunica sem o som.

Algo que parece intrigar as pessoas ouvintes é a forma como chamar a atenção de uma pessoa surda. É preciso compreender que gritar, falar mais alto ou mais devagar nem sempre produz o efeito esperado.

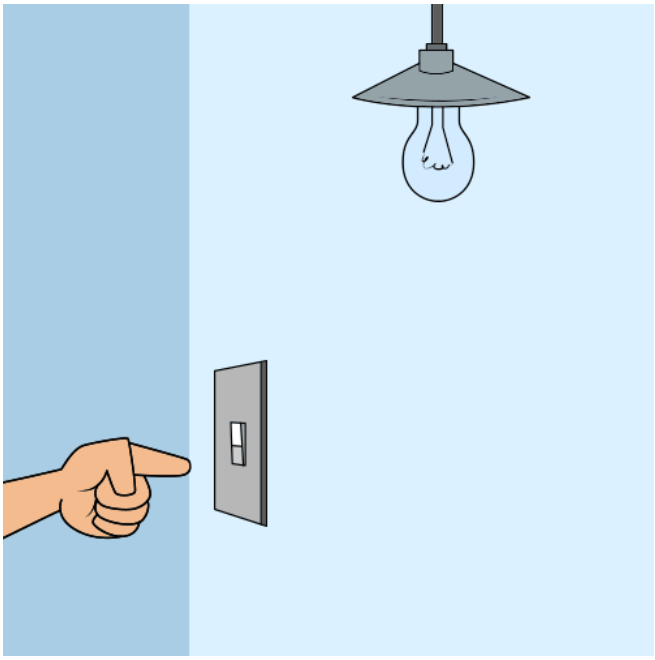
Figura 2 - Pessoa com megafone gritando para chamar a atenção de outra que demonstra não escutá-la.

Fonte: Autoria própria

O toque, na cultura surda, não é ofensivo como pode ser para a cultura ouvinte. Desse modo, tocar o braço ou ombro de uma pessoa surda pode ser um recurso eficaz quando o visual estiver voltado para outra direção. Entretanto, se a pessoa surda estiver de frente, o ideal é acenar com a mão. A percepção visual dos surdos é mais aguçada do que das pessoas ouvintes e certamente eles perceberão com maior facilidade a sua intenção.

Em uma sala com um surdo de costas e distante ou com muitos surdos, a melhor forma de chamar a atenção é acendendo e apagando a luz por uma ou duas vezes

Figura 3 - Demonstração de como chamar a atenção de uma pessoa surda por meio da luz do ambiente.

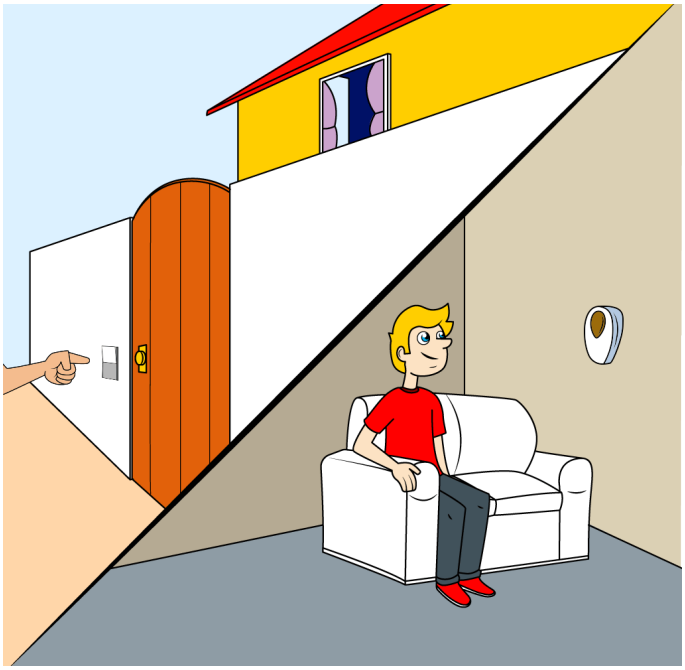


Fonte: Autoria própria

Existem ainda várias tecnologias que se utilizam basicamente dos sinais luminosos para facilitar a vida das pessoas surdas. A seguir são apresentadas algumas delas:

- **Campainha para Surdos**

Figura 4 - Demonstração do funcionamento de uma Campainha para Surdos.



Fonte: Autoria própria

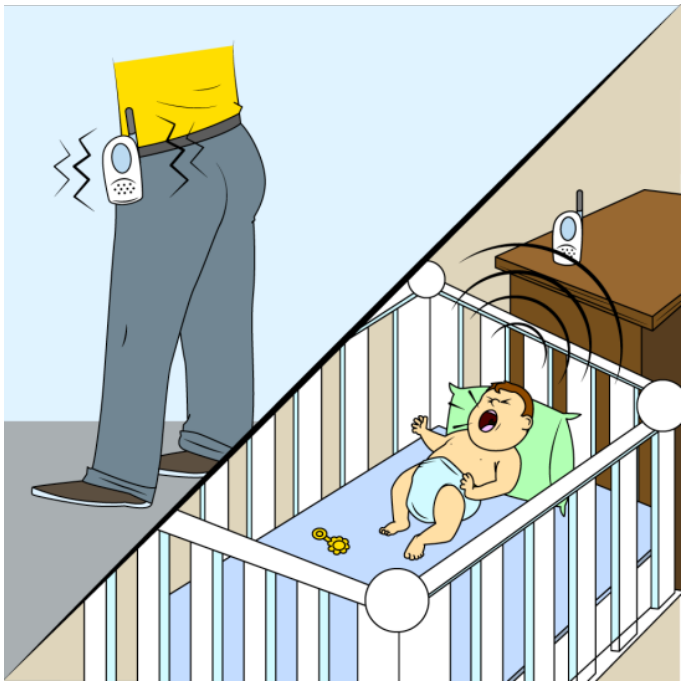
Na ocasião da chegada de uma visita em sua casa, o surdo será avisado mediante o toque da campainha, por meio de um sinal luminoso. Existem campainhas de diversos modelos, como, por exemplo, as que ficam instaladas em algum cômodo da casa ou móveis, que o surdo pode transportar para qualquer lugar que achar mais apropriado.

Enap

Enap

- **Babá Eletrônica Vibratória**

Figura 5 - Demonstração do funcionamento de uma babá eletrônica vibratória



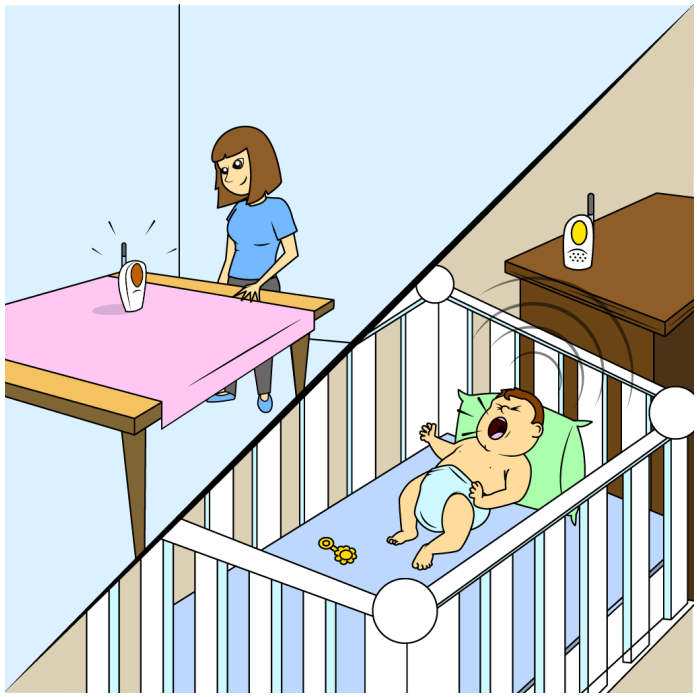
Fonte: Autoria própria

Esse dispositivo é útil quando os pais são surdos, pois traz uma independência em relação ao cuidado com o bebê. A babá eletrônica vibratória emite um alerta ao menor sinal de choro da criança, possibilitando maior segurança e tranquilidade aos pais.

2.1 Como promover a comunicação com surdos - Cont.

- **Babá Eletrônica Luminosa**

Figura 6 - Demonstração do funcionamento de uma babá eletrônica luminosa.



Fonte: Autoria própria

Ainda existe o modelo de Babá Eletrônica Luminosa que consiste na conversão do sinal sonoro do choro do bebê em alerta luminoso no receptor que fica em poder dos pais.

- **Relógio Vibratório para Surdos**

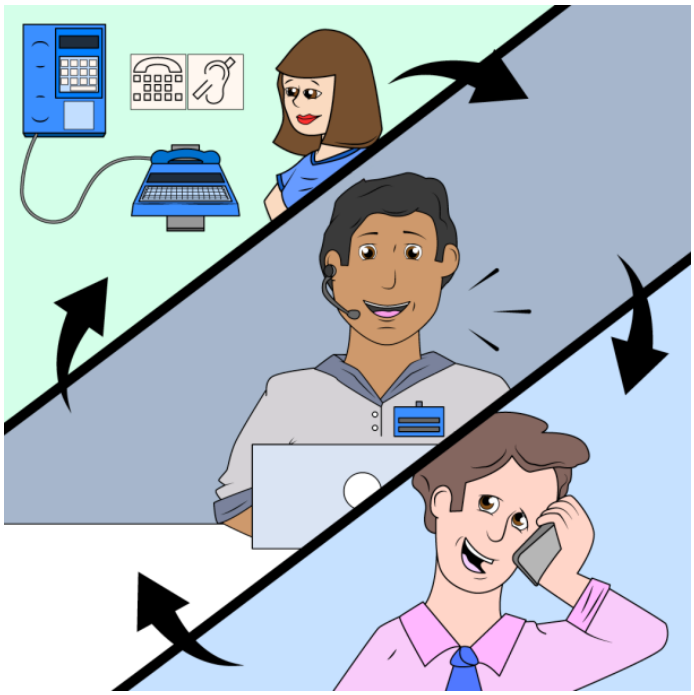
Figura 7 - Demonstração do funcionamento de um relógio vibratório para surdos.

Fonte: Autoria própria

Esse relógio despertador funciona com dispositivo de vibração. É mais forte do que os conhecidos em celulares e pode ser colocado embaixo do travesseiro.

- **Telefone para Surdos**

Figura 8 - Demonstração do funcionamento de um telefone para surdos.



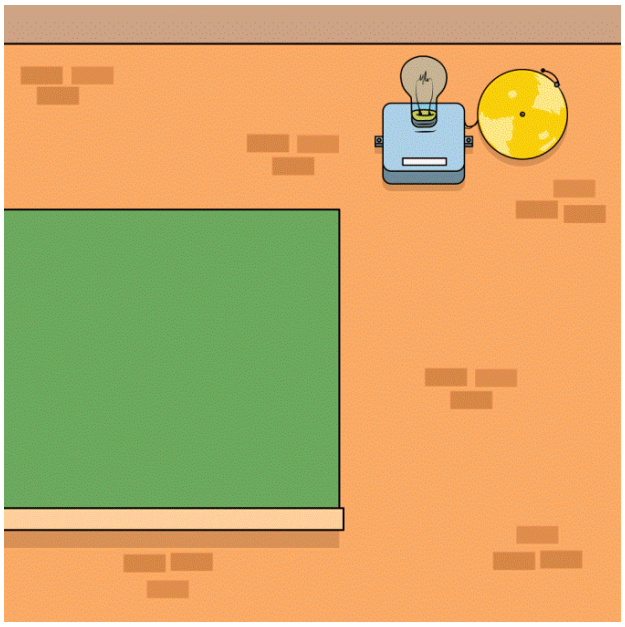
Fonte: Autoria própria

Enap

Pode ser encontrado em vários espaços públicos. Nele o surdo pode realizar uma ligação para um ouvinte. A ligação é intermediada por um telefonista. A pessoa surda escreve o que deseja que seja dito e o telefonista fala oralmente com o ouvinte. Mediante a resposta do ouvinte, o telefonista escreve a mensagem que aparece no visor para a pessoa surda.

• Campainha de Escola com Sinal Luminoso

Figura 9 - Demonstração do funcionamento de uma campainha com sinal luminoso utilizada em algumas escolas.



Fonte: Autoria própria

Algumas escolas para surdos já se utilizam desse dispositivo. Ao toque do sinal, a luz se acende. Normalmente fica instalada num ponto central da sala, por exemplo, acima do quadro.

2.2 Como promover a comunicação com surdos - Cont.

• Celular - Envio de Mensagens Escritas e Vídeos

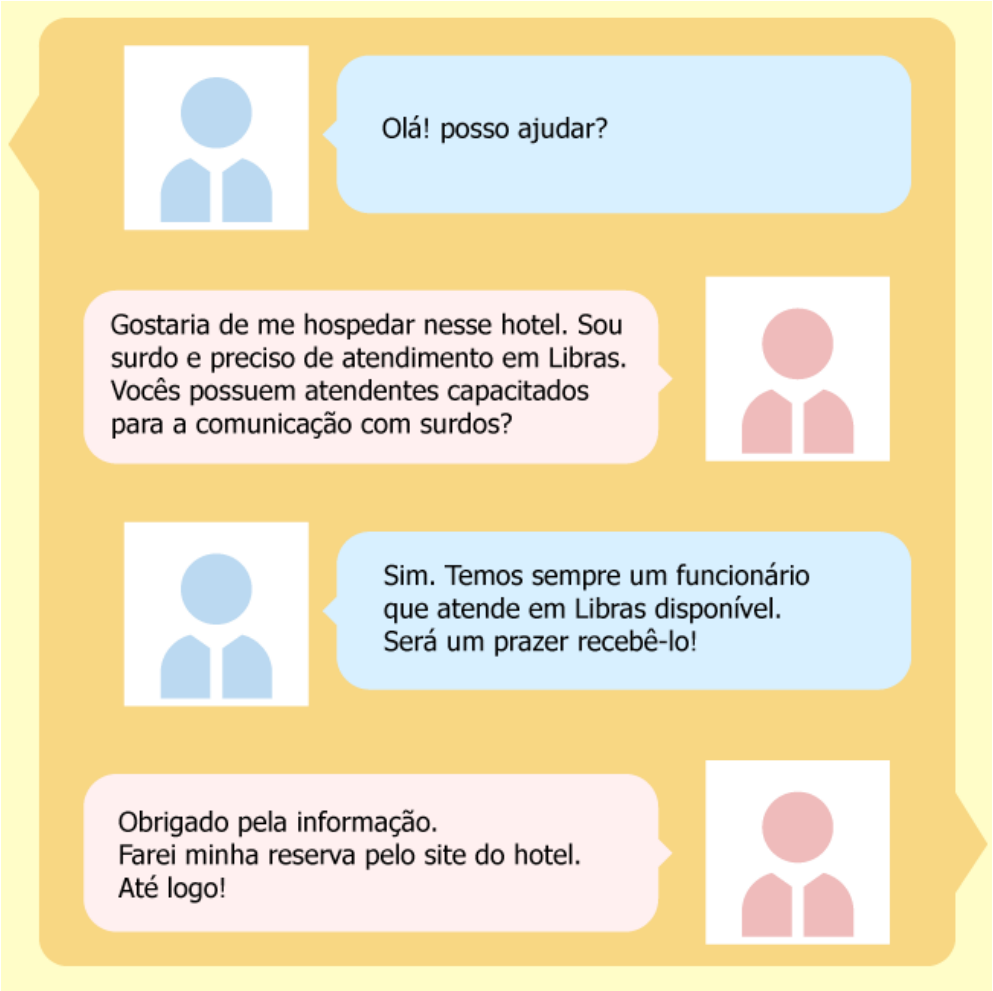
Figura 10 - Demonstração do uso de telefones celulares por surdos.

Fonte: Autoria própria

Os aparelhos celulares são cada vez mais utilizados, inclusive pelas pessoas surdas. Nesse contexto, o acesso a mensagens escritas, que permite a comunicação de surdos entre si e com ouvintes, com a garantia da privacidade, é a forma de uso preferida dessa população, ultrapassando a preferência pelo telefone para surdos, que é mais usado em caso de emergência.

- **Escrita em *Chats* de Atendimento**

Figura 11 - Demonstração sobre o uso de Chats de atendimentos para surdos.



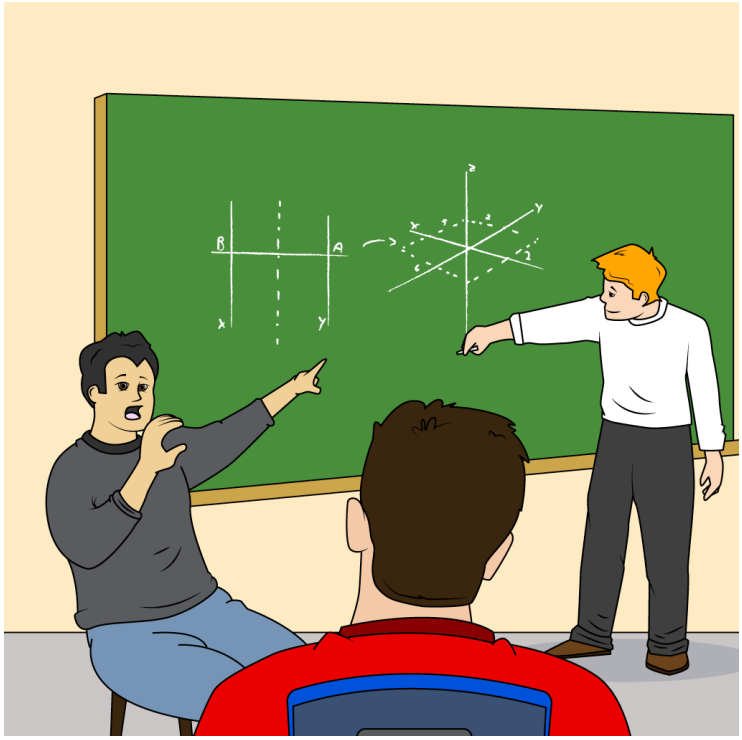
Fonte: Autoria própria

Atualmente muitas empresas, até mesmo em decorrência da Lei de acessibilidade, buscam garantir o atendimento por chats, o que favorece que o surdo receba uma formação escolar adequada e aprenda a Língua Portuguesa escrita como segunda língua.

Enap

- **Intérprete de Libras**

Figura 12 - Intérprete de Libras em situação escolar.



Fonte: Autoria própria

Ainda que existam muitos recursos e uma população mais preparada para conhecer e difundir a Língua de Sinais, o profissional intérprete de Libras não pode ser dispensado. Ele domina o idioma, prática que demanda anos de estudos e tem condições de atender a pessoa surda em áreas em que uma comunicação aprofundada se faz fundamental, como em educação, justiça, religião, saúde, etc.
Assista ao vídeo 1, sobre tecnologias utilizadas na residência de uma pessoa surda a fim de possibilitar maior autonomia.

Vídeo 1 - Tecnologia em Libras - Casa de Surdo. Clique neste link para visualizar o vídeo: http://tvines.com.br/?p=768
Fonte: TV INES

3 Prática de libras

Nesta primeira parte você terá um primeiro contato com a Libras apresentada em práticas discursivas. Isso significa que a língua deve ser observada em uso, em situações de interlocuções comunicativas. O objetivo não é a apropriação de todos os sinais mostrados, mas proporcionar a adaptação à comunicação visual e gradualmente a compreensão do idioma.

Você deverá se acostumar com a Libras e com uma forma visual de comunicação. Deve observar as expressões faciais e corporais utilizadas, sem se preocupar em decorar sinais. Deve deter-se na tentativa de compreensão das situações apresentadas, ainda que não consiga entender todas de forma completa.

Como a Libras é uma língua diferente da Língua Portuguesa, o ideal é que tente se desvencilhar do mundo oral auditivo e imaginar as situações sendo comunicadas sem o som. Vamos lá?

3.1 Libras: primeiro contato

No vídeo 2, logo abaixo, tem-se um diálogo, sinais de marcação temporal, cumprimentos e a apresentação de pessoas surdas. É importante observar que essas pessoas utilizam o Alfabeto Manual para soletrar o nome próprio e usam também o sinal correspondente à identificação de cada uma delas.

O sinal de cada pessoa corresponde ao nome visual, ou seja, é marcado por alguma característica física presente no momento em que ela o recebe. Muitas vezes o sinal é mais valorizado pela Comunidade Surda do que o próprio nome oral auditivo.

O sinal da pessoa em destaque na figura abaixo poderia ser representado de diversas maneiras.

Figura 13 - Figura de mulher para ressaltar a reflexão sobre as características físicas da personagem e seus possíveis sinais.

Fonte: Autoria própria

Uma pessoa surda olharia o que mais se destaca fisicamente na pessoa para atribuir-lhe o sinal. Nesse caso, o sinal atribuído poderia referir-se aos cabelos crespos e ao sorriso, por exemplo.

Vídeo 2 - Sinais de marcação temporal e de características, cumprimentos e apresentação de pessoas surdas. Clique neste link para visualizar o vídeo do TV INES: http://tvines.com.br/?p=709 (início do vídeo até 5,03 Min)

3.2 Libras: diálogos e sinais importantes para uma primeira comunicação

No vídeo 3 apresentam-se duas situações de diálogos em Libras. São explorados sinais de uso social importantes para uma primeira comunicação, sinais de objetos e dias da semana em Libras.

Vídeo 3 – Sinais de uso social de objetos e dias da semana. Clique neste link para visualizar o vídeo do TV INES: http://tvines.com.br/?p=709 (de 5,04 Min a 16,04 Min)

3.3 Alfabeto manual e pronomes pessoais

O Alfabeto Manual é usado para soletração de nomes próprios. Observe o vídeo e realize a atividade a seguir:

- Praticando Libras 1
- Exercite o formato de cada letra.
- Soletre seu nome próprio em Libras.
- Soletre, a título de treino, o nome de pelo menos 05 (cinco) pessoas conhecidas.
- Soletre seu nome próprio inteiro dando uma pausa de 1 a 2 segundos entre nome e sobrenome(s).

Vídeo 4 – Alfabeto manual. Clique neste link para visualizar o vídeo do TV INES: http://tvines.com.br/?p=709 (de 21,12 Min a 24,13 Min)

No vídeo 5 são apresentados sinais relacionados aos Pronomes Pessoais em Libras.

Vídeo 5 – Pronomes pessoais. Clique neste link para visualizar o vídeo do TV INES: http://tvines.com.br/?p=709 (de 24,15 Min até o final do vídeo)

Chegamos ao final do Módulo I. Neste módulo você teve a oportunidade de conhecer um pouco sobre a Comunidade Surda e sobre a Libras.